

# **TRIBUNA NEGRA**

---

**Origens do  
movimento negro  
em Portugal  
(1911-1933)**

---

**Cristina Roldão,  
José Augusto Pereira  
e Pedro Varela**



---

**Lisboa  
Tinta-da-china  
MMXXIII**

# Índice

Agradecimentos	9
Introdução	13
<i>No trilho de Mário Pinto de Andrade</i>	15
<i>Apresentação do livro</i>	18
<b>1</b> <i>O Negro: surgimento de um movimento</i>	21
<i>Órgão dos Estudantes Negros</i>	21
<i>O Negro na Lisboa republicana</i>	26
<i>Um grupo de estudantes radicalizados:</i> <i>Ayres de Menezes e Artur de Castro</i>	29
<b>2</b> <i>A luta política negra em Lisboa</i>	35
<i>Percursos da imprensa e organizações</i>	35
<i>O desvanecer de uma geração</i>	53
<i>Combater o racismo: uma luta contínua</i>	60
<i>Contradições sobre a questão colonial:</i> <i>autonomia, cidadania e trabalho</i>	63
<i>(Des)encontro de gerações</i>	69

<b>3</b>	Pan-africanismo e outros caminhos do internacionalismo negro português	73
	<i>W.E.B. Du Bois e a sessão de Lisboa do III Congresso Pan-africano</i>	73
	<i>Congressos Pan-africanos:</i>	
	<i>Liga Africana sob o fogo cruzado entre Diagne e Du Bois</i>	82
	<i>Ecos de Marcus Garvey e a vinda da UNIA a Lisboa</i>	99
	<i>Conexões lisboetas com o marxismo negro?</i>	106
<b>4</b>	Mulheres negras e mobilização política	117
	<i>Georgina Ribas e as mulheres do movimento</i>	117
	<i>Virgínia Quaresma e Domingas Lazary:</i>	
	<i>desencontros com o movimento negro</i>	123
	<i>Construindo organizações negras no feminino</i>	131
<b>5</b>	Olhares sobre a questão feminina	139
	<i>Retratos da mulher negra: resistências e contradições</i>	139
	<i>Sobre elas mas sem elas:</i>	
	<i>as mulheres negras nas reivindicações masculinas</i>	146
<b>6</b>	João de Castro: as várias faces de um resistente	157
	<i>Atribulações da vida de um militante negro</i>	157
	<i>De deputado socialista às origens do Partido Comunista</i>	162
	<i>Uma longa caminhada</i>	165
<b>7</b>	José de Magalhães: um pan-africanista nos corredores da República	171
	<i>Entre a medicina e a política</i>	171
	<i>Dirigente do movimento negro e deputado</i>	175
	<i>Um democrata desiludido</i>	181

<b>8</b>	Mário Domingues: do anarcossindicalismo ao movimento negro	183
	<i>Um encontro ficcionado</i>	183
	<i>Jornalista e pioneiro do discurso anticolonial</i>	186
	<i>A entrada no movimento negro de Lisboa</i>	190
	<i>Entre a vanguarda artística e o ofício da escrita</i>	194
	<i>O eterno anarquista</i>	199
<b>9</b>	Viana de Almeida: um construtor de redes	203
	<i>Um ativista entre África e Lisboa</i>	203
	<i>Prisão política durante o Estado Novo</i>	207
	<i>O início das lutas de libertação africanas: vigilância política</i>	211
<b>10</b>	A Lisboa Negra na viragem do século xx: notas para um retrato social	215
	<i>Interpelando silêncios</i>	215
	<i>Declínio e branqueamento de uma «pequena-burguesia» negra: raça, género e classe</i>	220
	<i>Uma ausência nítida: as classes populares negras em Lisboa</i>	227
<b>11</b>	Tribuna Negra: mapa do movimento negro em Lisboa no início do século xx	239
	<i>com a colaboração de Ana Alcântara</i>	
	Regresso ao Futuro	253
	<i>Buscando uma biblioteca negra</i>	253
	<i>Reparar o silenciamento, construir um arquivo negro</i>	257
	<i>Da história à memória e vice-versa</i>	261
	Abreviaturas	269
	Fontes e créditos das imagens	270

# Introdução

Este livro é um convite a um mergulho numa história silenciada. Poucas pessoas saberão que, na aurora do século xx, Lisboa foi palco de um movimento político negro (1911-1933) que combateu o racismo, exigiu direitos para as populações nos territórios colonizados e criticou sistematicamente, embora, por vezes de forma ambivalente, o colonialismo. Este movimento foi fruto de lutas de resistência que se organizaram nos territórios ocupados em África, de formas de internacionalismo negro, como o pan-africanismo, e da revolução republicana em Portugal. Resultado de um trabalho de pesquisa coletivo contínuo, sem financiamento específico, este livro não será, com certeza, a última palavra sobre este movimento político, mas mais uma etapa que conta uma história ignorada e um contributo para os Estudos Negros em Portugal.

Para desocultar este capítulo específico da História Negra, recorreremos a 12 títulos que este movimento publicou em Lisboa entre a Primeira República e o surgimento do Estado Novo, nomeadamente: *O Negro*, *A Voz D'África*, *Tribuna D'África*, *o Correio de África*, *O Protesto Indígena*, *o África*, entre outros. As buscas sobre o internacionalismo afro-português levaram-nos ainda a arquivos negros de outras geografias. Referimo-nos ao importante arquivo *on-line* W.E.B. Du Bois Papers e aos repositórios digitais de periódicos

negros, como a *The Crisis*, *The Negro World*, *The Negro Worker* e *Getulino*. Perante a escassez de evidências sobre a experiência afro-portuguesa, esta imprensa, nacional e internacional, ao constituir-se como um discurso *de e para* pessoas negras, no espaço do império português e no contexto internacional da diáspora negra, é um tesouro inestimável. Não deixa, contudo, de se referir, sobretudo, a um segmento específico e privilegiado, do ponto de vista de classe e de género, dentro da comunidade negra da Lisboa da época.

Nessa autêntica escavação e, de certo modo, construção de um arquivo negro português, tivemos como estações principais o arquivo da Biblioteca Nacional de Portugal, para consultar e fotografar/digitalizar a imprensa negra mantida maioritariamente em suporte microfilme e cuja má qualidade ou incompletude nos obrigou a recorrer, complementarmente, à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, à Biblioteca Municipal de Coimbra e à Biblioteca Pública Municipal do Porto. Mobilizámos ainda a documentação de arquivos como: o de Mário Pinto de Andrade na Fundação Mário Soares e Maria Barroso; da Polícia Internacional e de Defesa do Estado/Direção Geral de Segurança (PIDE/DGS) na Torre do Tombo; do Ministério da Administração Interna, entre outros. No trilho do internacionalismo negro chegaríamos ainda ao Arquivo Histórico Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Nenhum livro nasce num vazio político e social; mesmo aqueles que olham o passado são uma resposta a perguntas e tensões do presente. Sem o debate político contemporâneo, nacional e internacional, de descolonização do silêncio historiográfico, nos seus pilares teóricos e epistemológicos – no qual destacamos o movimento negro antirracista –, dificilmente este livro poderia ter nascido nos moldes que aqui fixamos. Dizíamos que do presente se reconstrói o passado, isto é, ensaiamos uma reparação histórica da história e da memória, mas o contrário também é verdade. Com as devidas diferenças contextuais, a história desta geração da aurora

do século xx não deixa de, pelas semelhanças e especificidades, interpelar o nosso presente.

Escrevemos este livro a pensar na juventude negra, mas também num público generalizado, de múltiplas origens étnico-raciais. Quando os vícios do ofício académico ameaçavam arrastar-nos para um estilo mais encriptado, lembrávamo-nos da desilusão de muitos jovens negros, como dois dos autores desta publicação, perdidos em buscas infrutíferas de obras sobre si mesmos nas bibliotecas e livrarias. Isso ajudou-nos a escrever, queremos acreditar, o livro que gostaríamos de ter lido.

## **No trilho de Mário Pinto de Andrade**

Este trabalho é também uma homenagem a Mário Pinto de Andrade, bem mais conhecido pelo seu envolvimento nos movimentos de libertação africanos do que pelo seu trabalho académico no campo da literatura e, ainda menos, da sociologia e da história. Num contexto adverso, ele deixou pistas preciosas para que as gerações que se lhe seguiram, a nossa incluída, pudessem conhecer a resistência histórica de que são herdeiras. Qualquer investigação é feita aos ombros de quem nos precedeu. Foi no seu trabalho que encontrámos a orientação inicial para esta viagem, sobretudo, na obra *Origens do Nacionalismo Africano: Continuidade e ruptura nos movimentos unitários emergentes da luta contra a dominação colonial portuguesa 1911-1961*<sup>01</sup>.

Mário Pinto de Andrade dedicou vários anos da sua vida e do seu rasgo intelectual e político ao estudo e divulgação da geração que definiu como «protonacionalista». Ou seja, um movimento político de origem africana que precedeu o seu e lutou, nas primeiras

**01** Mário Pinto de Andrade, *Origens do Nacionalismo Africano: Continuidade e ruptura nos movimentos unitários emergentes da luta contra a dominação colonial portuguesa 1911-1961*, Lisboa, Dom Quixote, 1997.